

NO QUE VAI DAR ISSO?



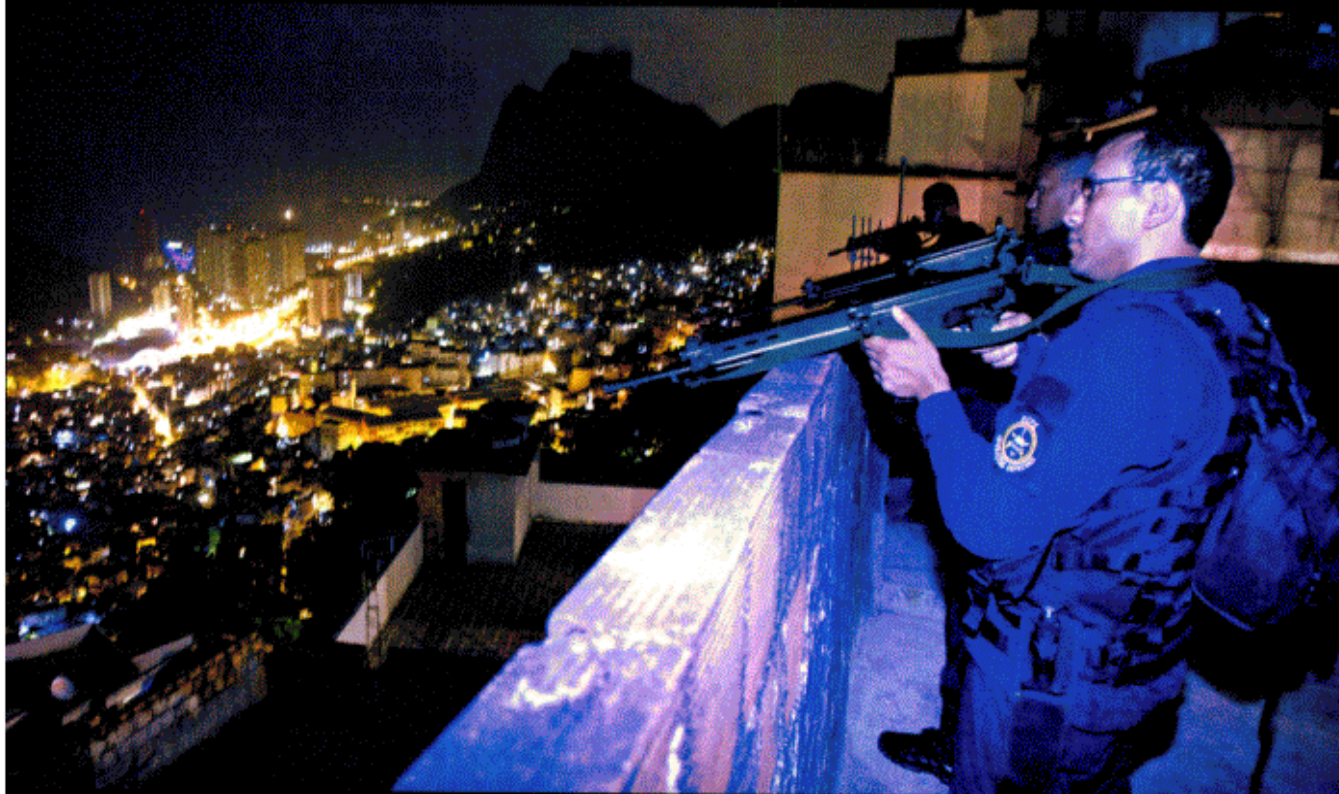
INÍCIO Policiais e blindados da Marinha sobem a Rocinha no domingo 13

Wilson Aquino

Não foi preciso efetuar um único disparo da Marinha ocupassem a Rocinha, uma das favelas de Janeiro até então controladas pelo tráfico. A operação tornou um marco para seus 100 mil moradores. Foi o primeiro contato da população com a Marinha. O novo desafio é fazer com que as etapas seguintes sejam bem-sucedidas. Agora, é preciso que junto com os policiais cheguem a escola, o

O COMEÇO DA MUDANÇA

A ocupação foi o primeiro passo para a transformação da Rocinha. Agora, os investimentos estimados em R\$ 756 milhões precisam sair do papel para que as pessoas não voltem a ser dominadas pelo crime organizado



DE CIMA Com o céu ainda escuro, forças de segurança chegam ao topo do morro

paro para que as tropas da polícia e as comunidades mais emblemáticas do Rio de Janeiro. De forma pacífica, a manhã do domingo 13 se tornou o primeiro passo para que a cidadania seja devolvida. As seguintes sejam tão bem-sucedidas quanto a primeira. saneamento básico, os centros culturais e os postos de saúde.

A ocupação da favela, a primeira etapa da implantação da 19ª Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do Rio de Janeiro, atraiu até visitantes ilustres, como os apresentadores Luciano Huck e Sabrina Sato. Mas a paz na Rocinha só se sustentará, a longo prazo, com a ação forte de políticas sociais que deem aos moradores condições de sobreviver na estrutura da legalidade. Com a pacificação, o poder público tem a missão de tirar do papel velhas promessas e implementar melhorias urgentes. O pacote de intervenções urbanas e sociais anunciado é vistoso. Só para obras seriam R\$ 756 milhões, valor equivalente ao que está sendo empregado na reforma do Maracanã. Os investimentos têm como data de conclusão 2014. O de maior visibilidade (*leia abaixo*) é a construção de um plano inclinado – uma espécie de elevador que corre sobre trilhos morro acima, semelhante ao que existe na comunidade Dona Marta, em Botafogo, a primeira favela da zona sul a ganhar UPP em 2008.

A chegada da UPP, porém, não é a garantia de avanços sociais. Moradores de outras favelas pacificadas afirmam que o tempo faz com que algumas promessas não passem disso: promessas.

INVESTINDO NO FUTURO

>O governo do Rio anunciou um pacote de obras na comunidade que prevê investimentos de **R\$ 756 milhões** até 2014 (dos quais, R\$ 277 milhões já foram empregados)

>**R\$ 512 milhões** serão gastos na elaboração do projeto e na construção de um teleférico

>**R\$ 120 milhões** é o investimento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) até 2014, em programas de oferta de oportunidades para jovens oriundos do tráfico ou que viviam em situação de vulnerabilidade

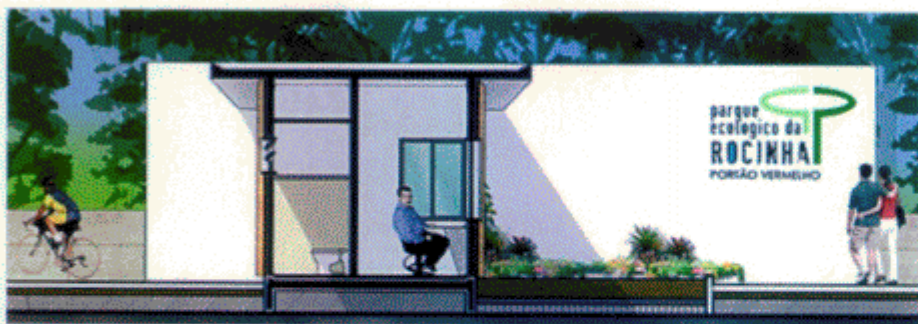
>O Estado vai bancar a reforma de **5 mil** casas das famílias mais pobres da Rocinha

“Eles também nos prometeram mundos e fundos, mas para a minha comunidade só veio a polícia”, diz a secretária da Associação de Moradores do Chapéu Mangueira, no Leme, Michele Campos, 26 anos. Lá, a UPP foi instalada em junho de 2009. “**Realmente, o crime acabou aqui. Isso é muito bom, mas a gente precisa de mais melhorias sociais**”, afirma a líder comunitária.

O mesmo desafio se coloca para a Rocinha. “Temos que implementar a agenda pública de inclusão social das

famílias”, diz o secretário de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado, Rodrigo Neves. Segundo ele, está sendo concluído um convênio com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que prevê a criação de um programa de tutoria e aconselhamento de jovens oriundos do sistema penitenciário e do tráfico. Ele pretende acompanhar 40 mil pessoas que vivem em áreas onde foram instaladas as UPPs. Mas o Estado não pode demorar muito a oferecer mais creches, postos de saúde e vagas em escolas de qualidade para que a comunidade sinta que vive em um bairro de fato. Na quarta-feira 16, o vice-governador Luiz Fernando Pezão subiu até uma quadra no ponto mais alto da comunidade, a Rua 1, para se reunir com centenas de moradores e decidir as prioridades.

É importante ainda que as mudanças não ocorram apenas na parte física da favela. Situações que fazem parte do dia a dia do cidadão precisam migrar para a legalidade. Até então, eram os bandi-



NOVIDADE Imagens do futuro Parque Ecológico da Rocinha que terá bosques, quadras e um centro cultural com anfiteatro



A NOVA ROCINHA

Em vez de muros, um grande parque ecológico delimitará a expansão da favela para a Mata Atlântica. Numa área total de 14 mil metros quadrados, serão construídas trilhas, bosques, quadras, hortas e um centro cultural com anfiteatro, entre outras coisas. Por ser vertical, a comunidade será beneficiada com um plano inclinado (espécie de elevador sobre trilhos) que fará a ligação da parte baixa com

>R\$ 51 milhões é quanto custou a urbanização do Largo do Boia-deiro, ponto mais famoso da Rocinha, que será concluído no ano que vem

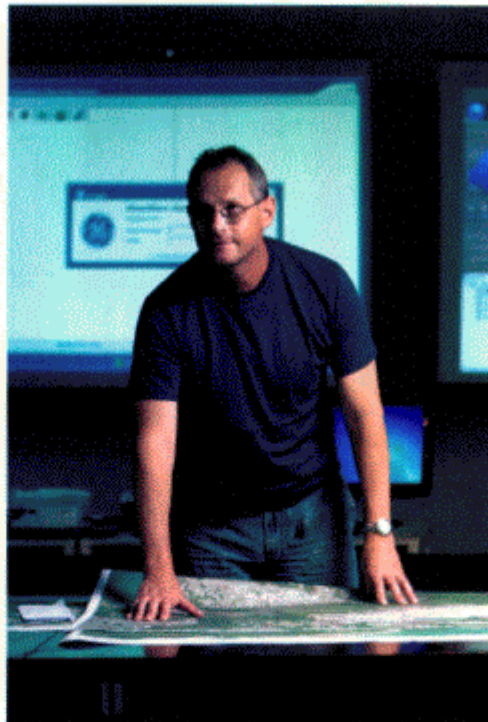
>R\$ 26 milhões foi o custo do Parque Ecológico da comunidade, uma área de lazer com oito mil metros quadrados a ser inaugurado em 2012

>R\$ 20 milhões serão disponibilizados por meio da Investe Rio em linhas de crédito para micro e pequenos empresários da comunidade

>Em três meses, será inaugurado um espaço cultural, que inclui uma creche para 150 crianças e uma biblioteca

dos que comercializavam, por exemplo, o gás de cozinha, o sinal de tevê a cabo, o chamado "gatonet", e que resolviam, clandestinamente, a questão da iluminação – tanto a particular quanto a pública. E, claro, nada era pago ao Estado. Agora, os moradores terão de fazer sua parte. "Eles têm de seguir as regras do estado democrático de direito, que são regras para todos", alerta o secretário Neves. "A cidadania tem muitos benefícios, mas também tem o seu custo", diz o sociólogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Gláucio Soares. **Para se ter uma ideia da situação de abandono da Rocinha, 90% das 6.145 empresas que atuam no local vivem na clandestinidade**, segundo

a parte alta da favela. Serão três estações para transportar cerca de três mil pessoas por dia, além de facilitar outros serviços públicos, como a coleta de lixo. Um teleférico nos moldes do implantado no Complexo do Alemão percorrerá nove estações ligando a comunidade diretamente à Linha 4 do metrô. Cerca de 30 mil pessoas por dia devem fazer uso dos bondinhos. Todos esses projetos começam a sair do papel em 2012.



NA PAZ O secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, comandou a ocupação sem tiros

com UPPs, é hora de ver seus imóveis recuperar as perdas em razão da proximidade com a área de risco. A valorização fica em torno de 20%. E um estudo, coordenado pelo economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, prevê que o aumento no preço de aluguel dos imóveis será maior na Rocinha do que nas demais favelas com UPPs, pois lá a pressão imobiliária é maior. "Não tem mais para onde crescer", diz. "É preciso enfrentar a questão habitacional também", diz o sociólogo Gláucio Soares.

Nos bairros da Gávea e São Conrado, que cercam a Rocinha, o clima na última semana era de um novo momento. "Acordei na manhã de domingo (dia da ocupação) com uma deliciosa sensação de paz. Senti um alívio muito grande", relatou o arquiteto Bernardo Niskier, 60 anos, há 25 anos morando em São Conrado. "A gente ficava em estado de atenção quando havia congestionamento na autoestrada Lagoa-Barra (que liga a zona sul à Barra da Tijuca), com medo de assaltos. Uma vez, parei no sinal e um sujeito bateu na janela do meu carro com um revólver. Fiz a burrice de arrancar. Mas, graças a Deus, ele não atirou", lembra Niskier. "A gente via e ouvia as balas e ficava em dúvida se estava havendo conflito ou se era uma celebração pela chegada de carregamentos de drogas. Tudo era motivo para tiro", recorda. A comunidade também iniciou a semana renovada. Mas depois de tanto tempo ao relento social, alguns moradores não acreditam em grandes mudanças. "Tenho 65 anos de idade e 45 de Rocinha. Já vi de tudo aqui, menos promessa de político cumprida. Tomara que agora seja diferente", diz a diarista Maria do Socorro Macedo. Esta é a melhor oportunidade que a Rocinha já teve. ■

Para o presidente da União Pró-Melhoramentos da Rocinha, Leonardo Rodrigues de Lima, a comunidade agora vai ter que se acostumar a andar dentro da lei. "Temos mais de 800 mototaxistas, alguns não têm nem carteira de habilitação", reconhece ele. O sociólogo Marcelo Burgos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), alerta que a transição deve ser feita com o mínimo de sacrifício dos moradores, discutindo certas exigências e até criando novas regras de convivência. "As leis serão mais ou menos legítimas conforme a aceitação da população", explica.

Para os vizinhos das comunidades

Colaboraram: Luciani Gomes e Michel Alecrim